

## Os Intelectuais e a escravidão

Francisco José Alves\*

LIMA, Jackson da Silva (org.).  
**Os Palmares, Zumbi e Outros Textos  
Sobre a Escravidão.**  
Aracaju: Secretaria de Estado da  
Cultura, 1995. 190 p.

O livro reúne trinta e nove textos sobre a escravidão. São poesias, artigos jornalísticos manifestos. O material está ordenado cronologicamente e foi originalmente publicado entre 1834 e 1886. Antecede os documentos reunidos, uma introdução onde o organizador desmonta o mito consolidado na historiografia literária de que os letrados brasileiros não tematizaram o escravo até a abolição.

Os autores são intelectuais de renome nacional, como Tobias Barreto, Silvio Romero e outros são sergipanos menos conhecidos: Pedro de Calazans, Francisco Leite Bittencourt Sampaio, José Maria Gomes de Souza, Manoel Joaquim de Oliveira Campos, Elzeário Pinto, Severiano Cardoso, Jason Valadão, Manuel Alves Machado, Filinto Elísio do Nascimento, Maximiliano de Araújo Maciel, Joaquim do Prado Sampaio Leite, Francisco José Alves, Etelvina Amália de Siqueira e Antonio Diniz Barreto. Ao todo, vinte e um autores tratando do escravo e da escravidão. Predomina, na maioria dos textos, uma crítica humanitária à escravidão. A instituição é denunciada como sendo contrária à natureza livre do homem. O escravo é um homem como qualquer outro: sua escravização contraria a vontade de Deus e a natureza humana (p. 64, 73, 96, 99, 140).

Os poetas cantam o sofrimento do escravo. A lírica é romântica, o tom é francamente piegas e, as vezes, altissonante. São frequentes, nas poesias, o confronto entre o nascimento livre do africano e sua posterior escravização (p. 65, 69, 101, 130). Para o poeta a escravidão é mero produto da human/ambição (p. 65). O vate não alcança o imperativo social da instituição. Outro tema é o da saudade da África longínqua (p. 69, 72, 74, 82, 94, 100).

Abre a antologia "Os Palmares" de Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-91). Nele o poeta tematiza o evento histórico do quilombo dos Palmares.

Configuram-se, nas primeiras poesias, algumas imagens do escravo e da escravidão: o escravo é a vítima de um crime; seu coração arfa de saudades pela África distante, sua maior revolta exprime-se nas lágrimas. Outras vezes o escravo evade-se na insanidade. O escravo é, em síntese, uma vítima indefesa. Este é o protótipo. A escravidão, por seu turno é

crime, desumanidade, pecado. E fruto da ambição e do egoísmo. É uma "aberração". (p. 150), é um cancro social.

No campo da prosa J. S. Lima reúne dois artigos do literato Joaquim Prado Sampaio Leite (1865-1932). São textos de combate à escravidão. Para ele a instituição é uma "negra nódoa" para o Brasil, envergonha o país frente ao mundo civilizado. O escravocrata é um "criminoso" e um pecador (p. 160). Sampaio Leite também vale-se da poesia na luta anti-escravocrata.

A antologia reúne quatro artigos do abolicionista Francisco José Alves (1825-1896). No primeiro, "Agricultura do País e a Escravidão" (p. 164-9), ele argumenta sobre a improdutividade do trabalho escravo na lavoura e sua substituição pelo trabalhador livre. Em "A Escravidão no Brasil e os Partidos Militantes Constituídos" (p. 170-3) denuncia a conivência das autoridades quanto à violências e mortes de escravos. Para o abolicionista a escravidão é uma instituição infamante do Brasil (p. 170).

"Horrores da Escravidão" (p. 174-6) increpa a omissão da imprensa sobre a violência dos senhores contra os escravos. Segundo ele, os jornais só dão destaque quando um escravo mata o seu senhor. Artigo de denúncia, combativo. "Cabana do Pai Tomaz" (p. 176-181) contrasta a comoção provocada pela exibição do

frente as costumeiras violências dos senhores contra os escravos.

Etelvina Amália de Siqueira (1862-1935) é autora do artigo "A mulher e a Escravidão" (p. 182-86). Nele a "feminista" crê ser o papel da mulher branca sensibilizar seus filhos, irmãos e marido contra a escravidão (p. 185). A mulher deve enxugar o pranto do escravo. Noutro artigo, "Quadro Negro", E. A. de Siqueira relato seu encontro com velho escravo abandonado sob a chuva, na rua. Apela para a piedade como solução e acentua a desumanidade do escravismo.

Finaliza o livro um poema de Antônio Diniz Barreto (1821-86) defendendo o mote: "Não deve ser brasileiro/ Quem sustenta a escravidão" (p. 190).

Pode-se notar uma diferença de enfoque entre os prosadores e os poetas. Os primeiros encaram a escravidão como instituição anacrônica e eneficaz; os poetas, como crime e desumanidade. Nuns a condenação é econômica e moral, religiosa.

Jackson da Silva Lima retira do livro **Viagens e Observações de um Brasileiro** (1834) de Antônio Muniz de Souza (1782-1857) um tópico sobre o modo como são tratados os "homens que fazem a felicidade do Brasil" (p. 49). O autor elenca os males impingidos aos escravos: castigos, má alimentação, trabalhos

pesados. A denúncia de Souza se dirige aos "maus" senhores, os desumanos. A perspectiva do A. é reformista: é preciso humanizar a escravidão. Tal feito é moralmente correto e materialmente rentável. A instituição não é condenada nos seus princípios.

O romance comparece na antologia com uma cena de **O Filho do Pescador** (p. 183) de Antônio Gonçalves Teixeira e Souza (1812-61). Descreve um escravo pondo em perigo a sua vida para resgatar o senhor numa casa incendiada. O tema aqui é do heroísmo do escravo.

O livro em apreço é uma importante fonte para se investigar a posição da elite letrada brasileira e, particularmente, sergipana, sobre o escravismo. Qual a visão da inteligência da época sobre o fato? Vem preencher uma lacuna na nossa bibliografia sobre o tema. Um perfil mais abrangente do fenômeno reclama estudos da visão dos pensantes sobre a escravidão. A História vista de baixo deve ser complementada por uma outra sobre a visão das elites. Além dos textos reunidos o livro fornece boas pistas de pesquisa: jornais, livros, autores.

Com esta obra Jackson da Silva prossegue sua vocação de inventariante da cultura sergipana. Pesquisador incansável tem se dedicado ao estudo do Folclore, da História da Literatura e da Filosofia, à Crítica Literária e ao Conto. É investigador polifacetado dos diversos setores da vida intelectual. Sozinho, tem feito pela nossa cultura a tarefa de muitos. Sergipe muito lhe deve.

A publicação, devo repetir, é importante. Entretanto, ela ganharia muito se o organizador tivesse oferecido pequenas notas bibliográficas sobre os autores. Estas acenariam para o contexto, viabilizando uma melhor intelecção dos documentos. Afinal, quem são os autores? que formação tiveram? em que atuaram? outro aspecto lamentável é a ausência de referências bibliográficas completas dos textos antologizados. Isto não é um detalhe sem importância pois garantiria um acesso mais fácil às fontes. O nome da editora pode ser também um dado significativo sobre a circulação e produção dos livros. Saber quem edita, sem dúvida, é um dado relevante para a História intelectual.

**Os Palmares, Zumbi, e outros Textos sobre a Escravidão** é uma leitura obrigatória para os estudiosos do fenômeno escravocrata no Brasil.

\* Francisco José Alves é Mestre em Antropologia pela Unb, doutorando em História Social na UFRJ e professor de Metodologia, Teoria e História da História no Departamento de História da

UFS - Sergipe